



STAVISH, Mark. **As Origens Ocultas da Maçonaria: Rituais, Símbolos e História de Uma Sociedade Secreta.** São Paulo: Pensamento, 2011. 248 p.

Marcel Henrique Rodrigues¹

A presente obra é uma apresentação sintética do complexo assunto que envolve a Maçonaria. O autor é um maçom, que escreve com muita propriedade sobre alguns aspectos históricos que influenciaram o surgimento de tal Ordem filosófica.

Já no início da obra, o autor trata do tão popular e, mundialmente conhecido, chamado “segredo” maçônico e as especulações que Ordem sempre sofreu e continua a sofrer por parte do público leigo. O autor demonstra que existe uma profunda necessidade, de que estudiosos escrevam mais seriamente sobre a Maçonaria, baseando-se em aspectos históricos e antropológicos, a fim de levar para o público um conhecimento mais sério sobre o complexo “universo maçônico”.

Após a introdução, Stavish relata que a Maçonaria não é uma sociedade secreta, pois, se assim o fosse seria uma Ordem completamente precária, pois, não se justificaria que o público, em geral, tivesse conhecimento das Lojas maçônicas, das práticas ritualísticas e das obras sociais que esta Ordem, muitas vezes, promove.

No entanto, longe de se explicar o que é a Maçonaria, já sabendo que se trata da maior fraternidade iniciática do mundo, o autor preza por explanar as origens ocultas dessa fraternidade e os motivos, pelos quais a atual Maçonaria mantém sua tradição discreta embasada no ocultismo, da qual teve origem.

É difícil definir o início da Maçonaria antes de 1717, data que houve a união das quatro Lojas londrinas, formando-se a chamada Maçonaria Especulativa ou filosófica. Sabemos que a citada fraternidade descende dos antigos construtores de catedrais Góticas, que se espalharam por toda a Europa durante a Idade Média.

A comunidade de pedreiros, conhecidos como maçons-operativos, se organizavam em guildas e se auto ajudavam em momentos de dificuldade. É válido lembrar que a Idade Média, conhecida por alguns historiadores como Idade das Trevas, foi uma época em que a hegemonia da Igreja Católica e o sistema de vassalagem

Artigo Recebido em: 05/07/2013 Aceito em: 12/08/2014.

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo-UNISAL. Membro da ABHR e Bolsista FAPESP. Sua linha de pesquisa é em Símbolos, Religiões e Psicanálise. Contato: marcel_symbols@hotmail.com

impediam a ascensão social; poucos grupos, em sua maioria analfabetos, conseguiam um trabalho com boa remuneração. Na época, o trabalho na construção de catedrais góticas era uma boa saída, frente à miséria e a falta de emprego que assolava a Europa. No entanto, o candidato que desejasse ingressar nessas corporações deveria ter noções de Arquitetura e Geometria. Muitos eram os candidatos que desejavam ser iniciados no ofício de construtores, sendo que a demanda era bem maior que a “oferta”.

Para manter os segredos da arte da construção, somente nas mãos dos iniciados, os pedreiros medievais decidiram, para sua própria segurança financeira e econômica, que os segredos, da arte de construção e da Geometria, permaneceriam restritos somente aos construtores daquele respectivo edifício. Exemplos deste tipo de associação de pedreiros (maçons-operativos) se deram na construção das catedrais de Chartres e Notre Dame, de Paris. Também é sabido que estes pedreiros adotaram sinais e símbolos para se reconhecerem em outros países, para qual viajavam a fim de se aperfeiçoarem na arte de construção.

O autor aponta que existem diversos documentos e argumentos que comprovam a existência dessas antigas guildas de operários maçons. O fato agora é compreender o chamado ocultismo ou a filosofia Hermética, dentro da História da Maçonaria. Como dito, a Idade Média fora marcada pela perseguição contra os sujeitos que discordavam do Catolicismo ou simplesmente eram acusados, algumas vezes sem nenhuma justificativa, de atos pagãos e heréticos. Porém, os antigos conhecimentos anteriores ao Cristianismo, como a Astrologia, a Alquimia e a magia, que eram denominadas de Ciências Ocultas, foram sendo passados oralmente por pequenos grupos discretos que não se revelavam para não serem caçados e mortos pela Igreja. Como exemplo, podemos citar Roger Bacon, um frade que, apesar de se esforçar para obter conhecimentos científicos na área da óptica e da Matemática, também se dedicou ao estudo das Ciências Ocultas, transmitindo o conhecimento para outros adeptos.

Alguns historiadores, como o próprio autor desta obra, acreditam que, durante a Idade Média, essa “ciência secreta”, condenada pela Igreja como pagã e satânica, passou de geração para geração, no chamado “colégio invisível”, em que diversos “clubes” de pessoas que desejavam ir além dos ensinamentos eclesiásticos, se reuniam em segredo. Tais estudos também ocorriam bem debaixo das vistas do clero, como no caso de Roger Bacon.

Um segundo ponto, que hoje se tem discutido bastante entre os historiadores, e que o autor do livro traz, é o caráter “oculto” da Ordem dos Templários. É bem possível que este grupo de corajosos cavaleiros tenha de fato entrado em contato com o misticismo oriental, proveniente da Palestina. Em linhas gerais, conhecemos a perseguição contra estes cavaleiros, promovida pela corte francesa e pela Santa Sé; poucos foram os membros que sobreviveram e que conseguiram se refugiar em países como a Escócia.

Stavish, após explanar sobre estes estudos e conhecimentos secretos que, de certa forma, aconteciam na clandestinidade, para não caírem nas mãos da Inquisição, mostra que durante o Renascimento e, mesmo sob a perseguição inquisitorial, muitas obras, de conhecimento ocultista vieram ao conhecimento do grande público, trazidas por estudiosos como Marsílio Ficino, Pico della Mirandola, Giordano Bruno, todos versados nos conhecimentos esotéricos e na prática da Alquimia. Outro ponto importante, que devemos mencionar, é sobre os antigos pedreiros das catedrais, citados outrora, e que receberam influência dos cavaleiros Templários, e de seus estudos herméticos. É visível que, parte das doutrinas ocultas foi fundida na arquitetura das catedrais góticas, como, por exemplo, na catedral de Chartres e na capela Rosslyn.

Entretanto, é com o advento do Renascimento, e com a consequente queda do estilo Gótico, que muitas guildas, dos pedreiros (maçons operativos), começaram a desaparecer, pois, uma nova forma de construção tomou conta da Europa, era o estilo renascentista que entrava em vigor. A Maçonaria Operativa, agora decadente, necessitava de que seus conhecimentos, tanto quanto da arte da construção, como dos conhecimentos esotéricos, não se perdessem; para tanto, entraram em uma fase denominada filosófica ou Especulativa, ou seja, não havia a necessidade mais de ser um pedreiro para se tornar um maçom. Começaram-se, assim, de forma lenta e secreta, as iniciações de sujeitos que não eram construtores, mas, na grande maioria das vezes, pessoas cultas e que desejavam obter conhecimento esotérico e místico.

No início do século XVIII, a sociedade européia esteve marcada por uma grande variedade de Lojas maçônicas e outras fraternidades, como a Rosa Cruz, mas, que agiam sozinhas não possuindo um corpo legislativo e nem leis fixas que as organizassem, sobretudo a Maçonaria. Foi então que, em 1717, na cidade de Londres, quatro Lojas se reuniram e formaram a Primeira Grande Loja da Inglaterra, que, de certa forma, organizou a Maçonaria Especulativa. É claro que a união das Lojas inglesas só

foi o início para a organização da Maçonaria Especulativa; a Ordem, tal qual temos hoje, levou décadas para ser organizada e esquematizada. É válido lembrar que é um grande erro histórico admitir que a Maçonaria fora criada somente em 1717, um sério estudo histórico das antigas tradições dos pedreiros medievais comprova a existência, ou ao menos a essência da Maçonaria em tempos bem mais remotos.

A investigação do autor demonstra que a atual Maçonaria congrega em sua filosofia, antiquíssimos símbolos e rituais que foram sistematicamente preservados e organizados. E, embora a Igreja tenha perseguido os “hereges” na Idade Média, a Maçonaria, mesmo em 1717, não deixou de ser alvo de críticas, ataques e censuras tanto por parte do clero, como por parte de governantes.

Em suma, Mark Stavish comprova que, após a organização maçônica de 1717, diversos outros grupos, inspirados na maçonaria, foram surgindo tais como o movimento teosófico e antroposófico, a Ordem Hermética da Aurora Dourada, Martinismo, Neo-Templarismo, entre diversos outros grupos. A formação destes grupos, sob o viés da inspiração maçônica, só vem a provar que a citada Ordem é de fato herdeira de antigos conhecimentos, práticas e costumes, que foram sabiamente e secretamente preservados.

Por fim, o autor faz uma crítica à Maçonaria da atualidade. Ele admite que a Maçonaria do século XXI está em decadência, muitos de seus filiados não conhecem e nem se interessam pela profundidade e pelas mensagens da simbologia utilizada em seus rituais. Muitos de seus atuais membros aceitam ser iniciados para assumirem apenas o status de “ser maçom”, e não desejam compreender o real significado dos símbolos e dos estudos da Ordem. Se tal descaso com os ensinamentos maçônicos assim persistirem, as ditas Lojas se transformarão em apenas um “clube de homens” simbolicamente adornados, um clube de negócios ou apenas uma sociedade filantrópica que se esquece de seu passado místico e esotérico, que sempre almejou promover o crescimento espiritual de cada um de seus iniciados.